

INDUSTRIALIZAÇÃO, TRABALHO E SOCIABILIDADE NO ESPAÇO URBANO DO TRIÂNGULO CRAJUBAR-CE

Antonio Lucas Cordeiro Feitosa

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA-CE. Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: cordeirofeitosa@bol.com.br.

Silvana Nunes de Queiroz

Mestra em Economia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora Assistente do Dpto. de Economia da URCA-CE. Doutoranda em Demografia pela UNICAMP. E-mail: silvanaqueiroz@yahoo.com.

José Raimundo Cordeiro Neto

Bacharel em Ciências Econômicas e especialista em Desenvolvimento Regional pela URCA - CE. Professor de Economia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: raimundo.cordeiro@univasf.edu.br.

Resumo

Ao se configurar no final do século XX um novo ambiente competitivo no setor de produção de calçados do Brasil e de outros países, uma coleção de fatores - histórico-locais, conjunturais, comparativo-vantajosos e de ação governamental estadual - contribuiu para a efetivação do Triângulo Crajubar, aglomerado urbano localizado no interior Sul do Ceará, como o pólo calçadista de maior destaque no estado cearense. Com isso, a dinâmica do território passou a ser influenciada pela ação das empresas do segmento em questão, sobretudo pela magnitude do mercado de trabalho formado, tornando a região capaz de exercer maior atratividade sobre a mão-de-obra de outros espaços, dentro e fora do Ceará. Diante desse processo, organizar informações de diversas fontes para fortalecer o argumento de que os municípios referidos contam com uma sociabilidade urbana nova, e sobre a qual a investigação científica precisa se debruçar, é o principal intuito deste artigo. Apoiando-se num referencial básico sobre a centralidade do trabalho na constituição de identidades e por meio da pesquisa bibliográfica e exploração de dados secundários foram indicadas evidências do que se defende como um conjunto de redes de relações sociais, formadas a partir da vivência do trabalho industrial e que caracterizam a urbanidade no Crajubar.

Palavras-chave: Trabalho; Sociabilidade Urbana; Indústria Formal de Calçados; Triângulo Crajubar.

INDUSTRIALIZATION, WORK AND SOCIABILITY IN THE URBAN SPACE OF CRAJUBAR-CE TRIANGLE

Abstract

To if configuring in the end of century XX a new competitive environment in the sector of production of footwear of Brazil and other countries, a collection of factors - description-local, conjunctural, comparativee-advantageous and of state governmental action - contributed for to transform the Crajubar Triangle, urban accumulation located in the South of the Ceará, as the footwear production polar of bigger prominence in the pertaining to the state of Ceará state. With this, the dynamics of the territory passed to be influenced by the action of the companies of the segment in question, over all for the magnitude of the market of formed work, becoming the region capable to exert greater attractiveness on the man power of other spaces, inside and outside of the Ceará. Ahead of this process, to organize information of diverse sources to fortify the argument of that the cited cities count on a new urban sociability, and on which the necessary scientific inquiry if to lean over, is the main intention of this article. Supporting in studies on the central of the work in the constitution of identities and by means of the bibliographical research and exploration of secondary data evidences had been indicated of what it is defended as a set of nets of social relations, formed from the experience of the industrial work and that they characterize the urbanity in the Crajubar.

Key Words: work, urban sociability; Formal industry of Footwear; Crajubar triangle.

INTRODUÇÃO

Um dos principais elementos que explica a forma como as pessoas interagem, em um determinado espaço, é a configuração das redes de sociabilidade nas quais elas se inserem, seja nos seus ambientes de moradia, de trabalho, de lazer, dentre outras dimensões de suas vivências. A importância da pesquisa com foco local, destinada à investigação do referido fenômeno, parece mais evidente quando se trata de localidades nas quais se assistiu a processos que transformaram padrões pré-estabelecidos de relações sociais e fundaram novos contornos para as interações locais. O desconhecimento do modo como os indivíduos passam a organizar suas vidas, mediante os vínculos formados, carece ser superado para, dentre outros fins, possibilitar ações de intervenção social mais sintonizadas com as demandas locais.

Essa constatação é válida para casos que reúnem mudanças como as ocorridas nas décadas recentes no Triângulo Crajubar. Ao sul do Estado do Ceará, esse território vive um contexto de industrialização, pautado em vocações locais e em políticas estaduais que, se não demonstram uma total ruptura com a sociabilidade anteriormente vivenciada, ao mesmo tempo é portador de novos aspectos para a identidade dos grupos locais¹.

Neste artigo, pretende-se demonstrar que, a partir do processo de industrialização

local, novas redes de sociabilidade emergiram no espaço urbano do Triângulo Crajubar-CE, entrelaçando, sobretudo no âmbito da produção de calçados, vivências de trabalhadores naturais e não naturais dos municípios desse espaço. Para isso, esta comunicação está apoiada em pesquisas bibliográficas e na consulta a dados secundários, reunindo informações que permitem argumentar em favor da idéia de um novo ambiente de relações sociais na área de estudo. Ambiência essa, ainda sem um suficiente tratamento científico².

O TRABALHO E A SOCIABILIDADE NA DIVERSIDADE DE CONTEXTOS PRODUTIVOS

Para a literatura clássica sobre o tema aqui em pauta, a sociabilidade dos sujeitos individuais e coletivos advém de suas relações de trabalho, sendo esse o eixo central do fenômeno social. Os desdobramentos mais recentes da Sociologia, entretanto, conferem grande relevo a outras atividades na explicação das estruturas da sociedade (MOTA, 2005).

A emergência de novas centralidades na constituição das identidades é um reflexo das transformações ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas, dentre as quais se podem citar as conseqüências da reestruturação produtiva, a desregulamentação e a flexibilização das relações de trabalho, o desaparecimento de diversos postos de emprego ocasionado pela automação e a tendência à precarização das condições de trabalho. Para Castells (2007), trata-se de mudanças determinadas pelo paradigma informacional³. Ainda assim, segundo o referido autor, as novas condições impostas pelo paradigma emergente não impedem que o processo de trabalho seja entendido como o cerne da estrutura social, já que “em qualquer processo de transição histórica, uma das expressões de mudança sistêmica mais direta é a transformação da estrutura ocupacional, ou seja, da composição das categorias profissionais e do emprego” (CASTELLS, 2007, p. 266).

Na mesma direção, Sorj (2008, p. 26) afirma que:

o trabalho [...], continua a ser um dos mais importantes determinantes das condições de vida [...] Sua presença tem invadido de tal forma diferentes esferas da vida que temos, hoje, grandes dificuldades em estabelecer as fronteiras que separam o âmbito do trabalho do não- trabalho.

Acrescente-se que a economia informacional - na qual a fonte de produtividade reside, sobretudo, na geração de conhecimento, presenciando o declínio de importância da indústria em face do dinamismo crescente do setor de serviços – não ocorre homogeneamente em todo o mundo, sendo mais visível nas nações desenvolvidas.

De acordo com essas considerações, compreende-se que as relações do mundo do trabalho não podem apresentar, de forma igual, os mesmos passos em todos os países. Em especial, os países em desenvolvimento apresentam um ingresso relativamente reduzido ou incipiente na etapa que muitos autores denominam de pós-industrial e ainda vêm na industrialização o principal alvo das políticas de transformação social, como fonte de maior produtividade econômica e geração de emprego e renda⁴.

Tem-se, mediante essas observações, que a sociabilidade centrada no trabalho é um fenômeno que se pode observar em diversas situações, especificamente nos espaços de industrialização recente ou em expansão, nos quais o trabalho assume formas mais nítidas.

No que se refere à sociabilidade daí oriunda, é preciso compreender que esta representa uma interação “vivenciada por todos os trabalhadores, dentro e fora dos lugares de trabalho, particularmente no atual contexto de reestruturação produtiva, em que as fronteiras que separam o âmbito do trabalho do não-trabalho estão difusas” (MOTA, 2005, p. 61). Para a autora, “o trabalho é fonte de constituição de identidades e inserção social, muito embora a pluralidade de situações de trabalho na virada de século seja um dado a ser considerado” (MOTA, 2005, p.30).

Como sugerem os parágrafos anteriores, a heterogeneidade existente entre diversos contextos produtivos requer olhares diferentes para cada caso, implicando que se reconheçam as peculiaridades dos territórios e suas conseqüências na formação de identidades locais. Uma forma de atender a essa necessidade se apresenta por meio da consideração das formas históricas de constituição dos lugares, permitindo compreender a constituição social, econômica e cultural de suas principais marcas. Esse é o esforço que se faz na próxima seção, em relação ao espaço urbano do Crajuubar-CE, recortando-se como processo essencial ao objetivo proposto para este texto a configuração do pólo calçadista, cuja dinâmica de formação foi enfatizada.

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE CALÇADOS NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO CRAJUBAR

O processo de industrialização do Triângulo Crajubar teve como pano de fundo o que acontecia no cenário nacional a partir da última década do Século XX, quando o Brasil passou a ser marcado pela redução da intervenção do Estado na economia, mediante a adoção de políticas neoliberais. Também, na realidade brasileira, destacou-se a concessão, por parte da União, de relativa maior liberdade administrativa às Unidades da Federação a partir do estímulo à implementação de estratégias de desenvolvimento econômico local.

Na década de 1990, em decorrência da adoção de políticas neoliberais e dos efeitos de mudanças institucionais como a Constituição Federal brasileira de 1988⁵ e a abertura comercial, instaurou-se o que poderia ser chamado de um “novo ambiente competitivo”. Diante dessas condições, indústrias do setor calçadista brasileiro, com o objetivo de reduzir os custos de produção e tornarem-se competitivas no mercado globalizado, procuraram adotar novas estratégias. Na pretensão de reduzir tais custos, muitas unidades de produção de calçados, presentes nas regiões Sul e Sudeste do Brasil deslocaram-se para outras regiões, em sua maioria para estados nordestinos.

No tocante ao estado do Ceará, o mesmo destacou-se no cenário nacional, devido a sua reforma fiscal, iniciada em 1987, no primeiro Governo Jereissati, que dentre outras ações, permitiu ao Governo estadual equilibrar suas finanças. Assim, obteve de modo a obter recursos destinados aos gastos sociais e aos investimentos em infra-estrutura, considerados fundamentais para a atração de indústrias e a conseqüente geração de empregos. O ajuste das contas públicas do Ceará, somado às políticas de qualificação de mão-de-obra, de melhorias de infra-estrutura, de isenção parcial e/ou total de impostos (subvenção fiscal), de incentivos fiscais e de apoio financeiro, criou um “ambiente sedutor para a instalação de novas indústrias no Ceará” (QUEIROZ; COSTA JÚNIOR, 2008, p. 5). Esse processo contribuiu para o processo de realocização geográfica de empresas do setor de calçados do Rio Grande do Sul e do estado de São Paulo⁶.

No contexto cearense, a microrregião do Cariri, no sul do estado, passou a se configurar como o principal pólo calçadista na estrutura de produção cearense, notadamente

nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, que juntas formam o Triângulo Crajubar⁷. No ano de 2006, metade do número de empresas produtoras de calçados do Ceará se encontrava nessa região (RAIS/MTE, 2008).

No que diz respeito à inserção de unidades industriais de produção de calçados no Triângulo Crajubar, oriundas de outras localidades, deve-se considerar juntamente aos outros fatores anteriormente mencionados, a constituição histórica dessa atividade produtiva na região. Essa consideração é necessária já que a referida atividade está ligada ao povoamento da área em estudo, a partir da existência de fatores naturais que propiciaram a criação de gado. Como aborda Araújo (2007, p. 2):

O arranjo [produtivo de calçados do Crajubar] tem marcas e características de uma produção constituída historicamente – e não uma experiência brusca – decorrente de inúmeras tramas derivadas do entrelaçamento de antigas vivências locais com novas influências globais.

A produção de calçados no Cariri tem início com a ocupação da região. Com clima favorável à criação de rebanhos bovinos, os criadores baianos e pernambucanos foram atraídos e se instalaram em tal localidade, fazendo com que, durante os séculos XVIII e XIX, o Cariri tivesse por base econômica a pecuária (ARAÚJO, 2007). Para que o trabalho com o gado pudesse ser realizado com mais segurança, já que se tratava de vegetação de caatinga, predominante nessa região, “o sertanejo se vestia de couro”. A fim de possibilitar que o couro fosse utilizado na confecção do “gibão” – a vestimenta do vaqueiro – surgiram os primeiros “ofícios”⁸.

Vale ressaltar que, com o prestígio de santo milagreiro conquistado já no início do século XX, o fenômeno religioso do Padre Cícero atraiu nordestinos, que se deslocaram em grandes proporções para Juazeiro do Norte. Município esse, no qual se centravam as ações do referido personagem histórico e que até hoje o tem como elemento simbólico local. O aumento da população local, atraída pelos supostos milagres do sacerdote, por sua insubmissão religiosa e pública, seus ensinamentos e pelo oásis formado pela chapada do Araripe em meio à semi-aridez do sertão nordestino, exigiu o desenvolvimento de formas de produção e comercialização que possibilitassem a sobrevivência da gente pobre. Com isso, foram se instalando novas oficinas de produção artesanal, dentre essas as de calçados (FACÓ,

1980). A escassez ou mesmo a falta de vários bens de consumo na região, impulsionou o aparecimento de novas oficinas e pequenas fábricas. Diante desse aglomerado de atividades “[...] surgiu no Cariri um centro urbano baseado fundamentalmente no artesanato, em escala desconhecida no país, dadas as suas proporções e variedades” (FACÓ, 1980, p. 175).

A produção de calçados no Cariri cearense, desse modo, era marcada pelo artesanato, que tinha por matéria-prima básica/essencial o couro. Na maioria dos casos, os calçados eram fabricados nas residências, com mão-de-obra familiar, o que possibilitava a construção de redes de reciprocidade entre os artesãos (ARAÚJO, 2007). Para Facó:

[...] aquele artesanato que crescia e que passava a constituir o principal setor da economia do município [Juazeiro do Norte], uma atividade antes aleatória tornava-se agora permanente. Antes dispersa em milhares de choupanas sertanejas, estava agora concentrada. Antes destinada quase exclusivamente que ao próprio uso do artesão, destinava-se agora ao mercado (1980, p.175).

São esses diversos aspectos, essenciais para esclarecer que, adicionalmente ao papel desempenhado pelo Governo do estado do Ceará, notadamente a partir da década de 1990, tem importância o fato dessa atividade já ser tradicionalmente desenvolvida no Cariri, sobretudo no município de Juazeiro do Norte⁹.

Esse elemento histórico tornou a região familiarizada com diversos procedimentos da produção e da comercialização de calçados, dotando-a, por exemplo, de uma mão-de-obra que desenvolveu múltiplas habilidades nesse segmento produtivo. Criou-se, assim, um ambiente urbano e regional propício e atrativo à instalação e/ou criação de unidades industriais de produção de calçados no Crajuubar, numa dinâmica posteriormente potencializada pelas políticas governamentais, como sugere Araújo (2007, p. 6): “A capacidade formada localmente e difundida em uma teia de relações pessoais e familiares ocasionou novos empreendimentos. Uma parte das empresas se multiplicou, a partir da experiência acumulada na produção”.

Autores como Rabello (1967, p. 97), por sua vez, demonstram que as tradições locais envolvendo a produção de calçados no Cariri foram sofrendo contínuas mutações na forma de produzir: “Com o decorrer dos anos, o couro vai desaparecendo dos hábitos sertanejos. Os compensados, os plásticos e a fórmica começam a penetrar onde até bem pouco tempo só se

conhecia a matéria-prima natural”¹⁰.

De qualquer modo, entre as transformações ocorridas, as características locais garantiram o desempenho do território caririense no setor calçadista. Nessa perspectiva, Araújo (2008, p. 3) defende que: “há uma base social que reforça a sustentação desse aglomerado, que atribuo a sociabilidade vivida entre os produtores, formada pelas relações de cooperação, compreendidas como ‘redes sociais’”.

A seção que segue enfatiza um outro lado desse cenário cujo comportamento nos últimos dez anos também revela a existência de relações intensas por parte de um grande contingente humano. Trata-se de milhares de pessoas que têm na atividade em foco o centro de suas estratégias de sobrevivência: os empregados.

A INDÚSTRIA FORMAL DE CALÇADOS E A DINÂMICA DO EMPREGO INDUSTRIAL NO CRAJUBAR

Todo o processo que engendrou a industrialização do Crajubar foi, ao mesmo tempo, responsável por transformações que transcendem a esfera produtiva, embora sejam impulsionadas a partir dela. Aqui, o interesse recai sobremaneira no que respeita à configuração de redes de sociabilidade urbanas caracterizadas por formas de organização do trabalho que em muito diferem do padrão artesanal tradicional.

Pode-se assinalar que a década de 1990 concretizou no Triângulo Crajubar um mercado de trabalho de dimensões consideráveis, que, pelas razões sócio-históricas já apontadas, concentrou na indústria de calçados a maior parte das oportunidades de inserção ocupacional formal, como se pode verificar por meio da Tabela 01, a seguir. Nos dez anos compreendidos entre 1996 e 2006, a proporção dos empregos gerados no âmbito da indústria calçadista formal em relação ao emprego industrial total, avançou nos três municípios em questão. Esse quociente passou de 31,66% para 61,44% em Crato, de 21,59% para 33,42% em Juazeiro do Norte e de 5,28% para 28,05% em Barbalha (Tabela 01). Desse modo, compreende-se que a importância desse setor produtivo para a qualidade de vida da população no território teve uma trajetória crescente no período. Como consequência, o espaço considerado não deve ter deixado de ganhar características de um padrão de relações

tipicamente urbano-industrial, ou de, no mínimo, tê-las intensificado¹¹.

A maior exposição dos habitantes a rotinas e mecanismos orientados sob a forma e o ritmo da indústria, certamente é um dos âmbitos a serem observados. A participação dos indivíduos em circunstâncias e processos diversos como seleções de funcionários; ambientes de treinamento; possibilidades de ascensão na hierarquia dos postos funcionais no interior das empresas; riscos de demissão; cumprimento de metas na produção e desenvolvimento de funções em equipe, só para citar alguns, exemplifica elementos que passam a constituir mais fortemente a identidade de grupos associados a essa dinâmica produtiva.

Tabela 01: Evolução do emprego na indústria formal de transformação – Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha – 1996/2006.

Setor da Indústria	Crato				Juazeiro do Norte				Barbalha			
	1996	(%)	2006	(%)	1996	(%)	2006	(%)	1996	(%)	2006	(%)
Indústria de calçados	487	33,66	2.277	61,44	523	21,59	2.552	33,42	77	5,28	503	28,05
Demais set. industriais agrupados	960	66,34	1.429	38,56	1.899	78,41	5.085	66,58	1.382	94,72	1.209	71,95
Total	1.447	100,00	3.706	100,00	2.422	100,00	7.637	100	1.459	100	1.793	100,00

Fonte: elaboração própria a partir da RAIS/MTE.

Fora das empresas, uma transformação da magnitude da observada no Crajubar, também abrange relações que se estendem aos espaços de lazer, moradia, das organizações sociais, dos serviços públicos, das manifestações culturais e da participação política¹².

No que concerne às relações de gênero, os dados da Tabela 02 apresentam um caráter de presença predominantemente masculina entre os empregados do setor calçadista formal no Crajubar, um fator que se faz mais acentuado em Juazeiro do Norte e Barbalha e que tem manifestado crescimento em dois dos três municípios nos últimos 10 anos.

Tabela 02: Evolução do emprego formal na indústria de calçados segundo gênero – Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha – 1996/2006

Gênero	CRATO				JUAZEIRO DO NORTE				BARBALHA			
	1996	(%)	2006	(%)	1996	(%)	2006	(%)	1996	(%)	2006	(%)
Masculino	207	42,51	1.182	51,91	366	69,98	1.850	72,49	67	87,01	396	78,73
Feminino	280	57,49	1.095	48,09	157	30,02	702	27,51	10	12,99	107	21,27
Total	487	100,00	2.277	100,00	523	100,00	2.552	100,00	77	100,00	503	100,00

Fonte: elaboração própria a partir da RAIS/MTE.

Merece atenção o fato de que o ambiente produtivo consolidado com o estabelecimento da produção industrial de calçados no Crajubar não se dá apenas com base na mão-de-obra local. Por ter se tornado um espaço de produção destacado no contexto cearense (Tabela 03), a área estudada exerce um poder de atração de pessoas de outros municípios que não é desprezível. Observe-se que o número de indústrias formais de calçados no Crajubar em 1996 representava menos de 33% do total cearense, avançando para quase 46% no ano de 2006 (Tabela 03). Por essa razão, os três municípios do triângulo analisado também aglomeram oportunidades de emprego que, estando disponíveis para os habitantes locais, também são buscadas por indivíduos de municípios vizinhos e de outras regiões. Nesse sentido, a preocupação com a sociabilidade formada através dos laços que têm por base o trabalho nessas indústrias, ganha maior complexidade, atribuída pela interação de vivências de agentes naturais e não-naturais do espaço de trabalho.

É interessante notar que a Tabela 03 ainda aponta para um aumento de 158,41% do número de unidades formais de produção de calçados no Ceará no período 1996/2006. Esse cenário fez parte das condições que levaram a dinâmica migratória cearense a registrar a entrada de 348.388 indivíduos na década de 1990, entre migrantes de retorno e não-naturais, atraídos pela expansão de oportunidades de trabalho, sobretudo no crescente setor industrial cearense. Desse total de migrantes, 42,57% se concentraram na Mesorregião Metropolitana de Fortaleza e 14,31% na mesorregião do Sul do estado (onde o Crajubar é a área que polariza os demais municípios), respectivamente a primeira e a segunda maior, no âmbito estadual, na atração de migrantes na referida década (QUEIROZ; MOREIRA, 2007) ¹³.

Tabela 03: Número de indústrias formais de calçados - Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha e restante do estado do CE – 1996/2006.

Localidade	Nº de indústrias de calçados				Variação 1996/2006
	1996	%	2006	%	
Crato	03	2,97	01	0,38	- 66,00%
Juazeiro	29	28,71	110	42,15	279,31%
Barbalha	01	0,99	09	3,45	800,00%
Restante do estado do CE	68	67,33	141	54,02	107,35%
Total	101	100,00	261	100,00	158,41%

Fonte: elaboração própria a partir da RAIS/MTE.

Esse último ponto levantado exige que se reflita sobre as diferenças entre as condições

de vida e de trabalho desfrutadas por trabalhadores naturais e não-naturais do Triângulo Crajubar na indústria calçadista. Trata-se de contemplar os efeitos do que Huws (2008) chama de deslocação do trabalho em direção às pessoas e das pessoas em direção ao trabalho, ambos os processos observáveis no Crajubar, já que o território presenciou a chegada de empresas e de indivíduos originários de outras partes do país.

Assim, deve-se considerar que esses dois tipos de empregados possivelmente participam de redes de relações diferentes, embora possam estar associadas. Seria esse o caso de se verificar a existência de indicações de pessoas de outras localidades, por parte de cidadãos locais, para ocuparem postos de trabalho, ou a manutenção de fontes de informação sobre as épocas de contratação das empresas. Ou, ainda, as estratégias em que um indivíduo que chega ao território e consegue inserção na atividade, busca, em seguida, inserir outros membros da sua família. Da mesma forma, isso instiga a investigação sobre as diferenças e as semelhanças entre as características da ocupação (posição ou cargo, possibilidades de ascensão profissional, natureza do vínculo empregatício, remuneração) e entre as redes de sociabilidade das quais participam esses dois tipos de agentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA INVESTIGAÇÃO DA SOCIABILIDADE URBANA NO CRAJUBAR

Esta breve comunicação pretendeu articular evidências de que a sociabilidade emergente no espaço urbano do Triângulo Crajubar-CE é centrada nas relações sociais vivenciadas pelos trabalhadores industriais, sobretudo os do setor de calçados. Essa é uma afirmação sustentada pelo fato de que a referida produção se destaca no território e concentra oportunidades de inserção no mundo do trabalho. Em virtude disso, indica-se que o processo de industrialização que transformou o referido espaço num pólo de produção calçadista no estado do Ceará também iniciou, nos três municípios constituintes desse território, uma dinâmica urbana assentada nas redes de interações conformadas a partir do trabalho industrial. Por sua vez, embora possibilitada pela existência de uma tradicional vocação coureiro-calçadista da localidade, essa dinâmica tem caráter de novidade histórica para a região, dado que as bases efetivas de sua manifestação são as condições surgidas na última década do século XX, mediante um processo mais amplo e intenso de organização do trabalho sob a

forma industrial.

Se bem que para a observação empírica e o senso comum já esteja mais do que claro que a identidade do Crajobar não se dissocia de sua “especialização” no segmento da produção em foco, faltam investigações que aprofundem e sistematizem o conhecimento sobre as identidades proporcionadas pelo referido contexto. Isto é, necessita-se compreender que aspectos principais compõem as formas de convivência nesse *locus* de interação. Por outro lado, quais sentidos de pertencimento estão presentes nas práticas cotidianas dos trabalhadores assalariados? Afinal, são esses os sujeitos formadores da maior parcela da população envolvida no processo de produção industrial de calçados, cujas condições de vida são atingidas por completo por tais questões.

Sem dúvida, esse é um campo oportuno para a pesquisa. Em especial, os desdobramentos da problemática aqui indicada encontram grandes possibilidades nos estudos de campo, próximos passos para o projeto que deu origem ao presente artigo. Através de um processo que privilegie o tratamento das subjetividades e do cotidiano dos agentes no território, assim como Araújo (2007) o faz para abordar a sociabilidade entre os produtores de calçados do Crajobar, será possível gerar abordagens mais densas sobre os fenômenos sociais em tela.

NOTAS

¹Trata-se, como assinala Araújo (2007, p. 20), de “mudanças que ocorreram em meio a um jogo de forças fundadas em mudanças e permanências, nas tramas do tradicional e do moderno, imbricação no ato de preservar e reinventar”.

²Sem avançar no detalhamento dos formatos emergentes nas redes de sociabilidade indicadas, uma vez que isso requer a realização de pesquisas de campo para obter dados adequados a esse objetivo, o presente trabalho sistematiza evidências úteis à compreensão do fenômeno e serve como elemento norteador para próximas pesquisas destinadas a aprofundar o estudo.

³“A difusão de tecnologia da informação em fábricas, escritórios e serviços reacendeu um temor centenário dos trabalhadores de serem substituídos por máquinas e de se tornarem impertinentes à lógica produtivista que ainda domina nossa organização social” (CASTELLS, 2007, p. 316).

⁴Isso evidencia, conforme Araújo (2007, p. 8), que “a transição não ocorre de forma linear, tão pouco, de maneira contínua – formas antigas e modernas se contrapõem e se conjugam, demonstrando a complexidade do processo [...]”.

⁵A Constituição de 1988 passou a conceder “[...] maior autonomia aos estados da Federação, permitindo que estes pudessem estabelecer incentivos mais amplos em suas políticas de atração de investimentos. Assim tornou-

se possível aos estados estabelecerem incentivos, sob a forma de empréstimos, com base no Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS” (PONTES; ALMEIDA, 2005, p. 268).

⁶Vantagens comparativas como a posição geográfica privilegiada do território cearense em relação aos Estados Unidos e Europa - principais importadores de calçados do Brasil - tornam o custo de transporte/frete mais baixo; a mão-de-obra barata e abundante favoreceu e incentivou consideravelmente o deslocamento de unidades industriais de produção de calçados dessas regiões para o Ceará.

⁷Tais municípios localizam-se em torno de 550 km de distância de sua capital Fortaleza, com população em 2007 de 403.723 habitantes (IBGE, 2008).

⁸Gibões, camas, selas, malas, arreios, cintos, chapéus, calçados, dentre outros, eram produzidos por artesãos utilizando o couro como matéria-prima (RABELLO, 1967).

⁹“Diferentemente de outras regiões e cidades do Estado [do Ceará] que receberam grandes empresas vindas de outras regiões, com atividades completamente estranhas às atividades produtivas dessas localidades, o Cariri guarda algumas particularidades. A tradição da produção de calçados na região, vinda das oficinas artesanais desde o início do século passado, e as relações sociais entre os produtores locais, desenham contornos novos, distintos da forma muitas vezes predatória de programas de desenvolvimento baseados na industrialização e na atração de grandes investimentos para as cidades interioranas” (ARAÚJO, 2008, p. 1-2).

¹⁰Essa é uma afirmação mais recentemente confirmada por Souza (2003, p.45), ao colocar que, atualmente, no espaço estudado “os calçados tipicamente fabricados [...] são sandálias *surf*, com borracha de EVA e injetados em PVC e TR e uma pequena quantidade em PU com cabedal [parte superior do calçado] de couro”.

¹¹Para Araújo (2007), a chegada da grande empresa passou a desarticular vínculos sociais antes estabelecidos, “desfazendo identidades e criando outras, a partir da qualificação do trabalhador e de novas relações sociais que se estabelecem” (p. 13).

¹²Desses últimos pontos, são exemplos as questões relacionadas às possibilidades de consumo que se abrem com a condição de assalariado da indústria, às relações estabelecidas em torno das opções de lazer desfrutadas, dos bairros que aglomeram empregados do setor, dos eventuais esforços de auto-organização em sindicatos e associações, da percepção da educação como fonte de maior potencial para proporcionar rendimentos e da saúde como recurso para o bom desempenho funcional.

¹³Convém enriquecer essa observação com a percepção de que as migrações populacionais, para Huws (2008), estão a transformar as identidades ocupacionais, a configuração social e as estruturas espaciais das cidades: “[...] o trabalho que anteriormente estava ligado geograficamente a um determinado local tornou-se volátil numa dimensão sem precedentes históricos; por outro lado, tem havido grandes migrações de pessoas que percorrem o planeta à procura de trabalho e segurança social. Tem havido pois um duplo desenraizamento – uma deslocação do trabalho em direção às pessoas e uma deslocação das pessoas em direção ao trabalho. Em conjunto, estas reviravoltas estão a transformar o carácter das cidades tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento” (HUWS, 2008, s. p.).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iara Maria de. Desenvolvimento local e arranjos produtivos: o foco nas redes sociais. In: Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Regionais e Urbanos - ENABER. 2008.

_____. Da formação de um ofício à grande indústria: marcas e trajetórias de um espaço produtivo. In: Anais do X Encontro Nacional da ABET. 2007.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6 ed. v. 1; São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. 6 ed. Rio de Janeiro: editora civilização brasileira, 1980.

HUWS, Ursula. Fixo, volátil, ou dividido: o trabalho, a identidade e a divisão espacial do trabalho no século XXI. Disponível em: <http://resistir.info/mreview/fixo_volatil.html>. Acesso em 20/Novembro/2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. IBGE divulga relação da Contagem da População 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 30/Agosto/2008.

MOTA, Dalva Maria da. **Trabalho e sociabilidade em espaços rurais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2005.

PONTES, Paulo Araújo; ALMEIDA, Manoel Bosco de. Política de atração de investimentos industriais do estado do Ceará no período de 1995-2001. In: CARVALHO, J. R.; HERMANNNS, K. (Org.). **Políticas públicas e desenvolvimento regional no Brasil**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

QUEIROZ, Silvana Nunes de; COSTA JÚNIOR, Manoel Pedro da. Diferenças e semelhanças entre os empregos na indústria formal de calçados no Ceará e Rio Grande do Sul – 1994/2004. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008.

QUEIROZ, Silvana Nunes de; MOREIRA, Ivan Targino. Migração para o Ceará nos anos 90. **Revista Economia em Debate**. URCA: Crato, 2007.

RABELLO, Sylvio. **Os artesãos do padre Cícero**: condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte. Recife: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

RAIS-MTE. Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/pdf/acesso/raisonline.asp>>. Acesso em: 12/Novembro/2008.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n43/002.pdf>>. Acesso em 25/Setembro/2008.

SOUZA, Dayane Lima Rabelo de. **Arranjo produtivo de calçados do Cariri, Ceará**. Fortaleza-CE: UFC/CAEN. Dissertação de mestrado, 2003.